

COQUELIN EM LISBOA



Está a chegar a Lisboa o celebre actor Coquelin, uma das glorias mais brilhantes do theatro francez e que o nosso publico teve já occasião de apreciar e festejar como elle tão justamente merecc.

D'esta vez Coquelin demora-se entre nós um curto espaço de tempo, dando apenas tres recitas, mas isso será o bastante para que possamos patentear-lhe a grande admiração que temos pelo seu talento e a grande sympathia que nos merece o seu character, de cuja largueza Coquelin dá uma prova, enuindo como anuiu da melhor boa vontade a ir de proposito ao Porto tomar parte no espectáculo que alli se realisa em beneficio do tão intelligente como desventurado artista Cyriaco de Cardoso.

THEATRO DO GYMNASIO

AS MEDICAS



Os medicos era o titulo d'uma comedia que se representou ha bastantes annos no *Gymnasio* e que fez estoirar de riso metade da humanidade.

As medicas, é o titulo da comedia agora em scena n'aquelle mesmo theatro e que está fazendo estoirar de riso a outra metade da humanidade, que ainda não tinha dada estoiro.

Moralidade: De como se prova que a medicina é uma coisa excellente—applicada ao theatro.

Subscrição nacional promovida pela imprensa a favor das victimas sobreviventes do incendio do theatro Baquet.

Acabamos de fazer entrega do resultado da subscrição abertz n'este jornal, como consta do recibo que em seguida publicamos.

COMISSÃO EXECUTIVA DA IMPRENSA—N.º 29

Esta commissão recebeu do periodico *Pontos nos II* a quantia de sete mil e quinhentos réis, producto por elle colhido e entregue para a Subscrição nacional da imprensa, a cargo d'esta commissão.

Lisboa 2 de maio de 1888.

O presidente—*Luciano Cordeiro*.



Por ahí...



Hontem, no Rocio, o homem dos cartazes tinha acabado de pregar um.

Um cartaz, está entendido.

Quando o homem dava a ultima pincelada, parou uma pessoa a lêr o cartaz.

Depois parou outra.

Depois parou mais outra, e outra e outra, e assim foram parando todas as pessoas que passavam.

E o mais extraordinario é que não paravam só as que passavam ao pé do cartaz: as que transitavam a distancia acercavam-se tambem logo, a passo estimulado, apenas bispavam lá de longe uma grande cabeça de toiro, impressa ao centro do papel e em dimensões sufficientes para não passar desaperccebida mesmo á vista desarmada.

Depois, as mesmas pessoas começaram a retirar a uma e uma, pela mesma ordem chronologica porque tinham chegado, ao passo que vinham vindo outras a tomar-lhes o lugar, attrahidas lá de longe pela tal cabeça de toiro em que já tivémos a honra de fallar, e que era assim, mal comparado, como o santelmo misericordioso da esperança, que vem incutir animo no espirito desorientado dos nautas semi-perdidos.

Para o caso presente, os nautas semi-perdidos são os afficionados da Praça do Campo de Sant'Anna.



O mais curioso, porém, era que todos os que liam o cartaz se affastavam desanimados, abanando tristemente a cabeça, ao passo que os que se acercavam para ler, traziam nos labios um sorriso de contentamento intimo e no olhar a centelha rutilante de fogo que illumina as almas esperançadas.

Acercámo-nos tambem, lançámos um olhar sobre os caracteres de variadas côres, e tudo de prompto comprehendemos!

O cartaz annunciava uma toirada qualquer ahi para fóra de Lisboa e o que todos imaginavam, ao vêr de longe a tal cabeça de toiro enganadora, era que se tratava d'uma toirada na praça do Campo de Sant'Anna.

A' noite, o café Marrare, que é o grande oriente dos amadores tauromachicos, tinha o aspecto grave da ante-camara d'um enfermo illustre em seguida ao *desideratum* da junta medica haver lavrado a fatal sentença anniquilando as derradeiras esperanças!

— Está tudo acabado! murmurava-se baixinho, n'aquelle tom de receio que precede as grandes explosões de dôr; está tudo acabado na praça do Campo de Sant'Anna! Não mais toiros de Emilio Infante! Não mais sortos de gaiola dos Robertos! Não mais saltos de garrocha do José Peixe! Não mais navarras do Sancho! Não mais ferros curtos do José Bento! Não mais berratas do Seis Dedos! Não mais descomposturas no intelligente Botas!

— Oh! Botas da minh'alma! oh! Botas do meu coração! oh! Botas das minhas entranhas!

E cahiam todos na tal explosão de dôr, chorando nos braços uns dos outros, regando-se mutuamente as golas dos casacos de lagrimas ardentes, que sulcavam — pela primeira vez — aquellas faces bronzeadas pelo sol de mil combates... tauromachicos!



E é que a attenção publica está decididamente virada para este caso das toiradas.

Nem as sessões do parlamento, nem o movimento agricola do paiz, nem o augmento do preço da carne nos talhos municipaes, nem a segurança dos theatros, nem a questão bancaria, nem o Coquelín, nem o governo, nem a politica, nem o lausperenne, nem o Oliveira Mattos lhe importam agora absolutamente para nada!!!

No que ella pensa é em toiradas, com o que ella se preocupa é com toiradas, o que ella quer é as toiradas. Dêem-lhe toiradas e uma cabana—ou a morte!

Interroguem os velhos, perguntem ás mulheres, inquiram (mas sem levantar *inquérito*, pelo amor de Deus...) inquiram das creanças, syndiquem (mas sem formarem *syndicato*, pelas cinco chagas de Nosso Senhor Jesus Christo...) syndiquem dos interditos, e verão como todos lhes respondem a uma só voz, como uma grande massa coral rigorosamente ensaiada pelo maestro Antonio Duarte—que tambem é distincto amador tauromachico:

—Queremos toiradas! venham toiradas! salta toiradas!



O caso é de tão grave importancia que chega até a affirmar-se ter sido por causa das toiradas que sahiu do governo civil o nobre marquez de Pomares, o mais illustrado, o mais esmoler e o mais respeitavel de todos os governadores civis — não desfazendo em quem está presente, como é uso dizer entre pessoas finas.

E nós acreditamos que assim fosse, em parte, sendo effectivamente essa demissão produzida pelo natural embaraço em que s. ex.* se encontrou tendo a revogar uma ordem que anteriormente dera.

E essa resolução formal não significa por modo algum a insistencia caturra d'um espirito vaidoso que não quer dar o seu bracinho a torcer, senão antes a persistencia sensata de quem, tomando uma resolução firmada no voto officialmente reconhecido como competente, entende não dever revogar tal resolução para não desconsiderar esse mesmo voto.

Os peritos tinham dado a sua opinião; o sr. marquez resolveu conforme a opinião los peritos. Os protestos da opinião publica vieram contrariar a opinião dos peritos e o sr. marquez, reconhecendo talvez razão á opinião publica, mas não querendo desfeitear a opinião dos peritos, isto é, collocado entre o Scylla do seu bom senso de homem illustrado e o Carybdes da sua lealdade de fidalgo brioso, optou pela unica das soluções dignas: demittir-se, para não descontentar nem a opinião do publico nem a opinião dos peritos.

Este acto, como outros do sr. marquez, assumindo pessoalmente a inteira responsabilidade de quanto praticam os seus subordinados, define bem a lealdade do seu character e está perfeitamente d'accordo com as tradições da velha aristocracia, lembrando a isenção briosa dos velhos fidalgos, que acolhiam e defendiam quantos lhes transpunham as muralhas do solar pedindo coito, sem que buscassem sequer indagar-lhes a proveniencia.

A resolução do sr. marquez de Pomares faz-nos gastar dois bilhetes de visita: um para s. ex.* dando-lhe os parabens, outro para o districto de Lisboa dando-lhe os pesames.

Ant. Tavarilha



AS ACCÇÕES DO BANCO



— Dou trinta mil reis pelos direitos de cada titulo de cinco acções. Tens alguma acção de que queiras vender os direitos?
— Tenho... Mas é uma acção feia, de que o sr. talvez não queira comprar os direitos...

Como se põe o monoculo



Sentido!



Preparar!



Apontar!



Fogo!

estampa de
Eugénio de
Alarcón

Salões, palcos e circos



Os nossos theatros principiam a ser muito concorridos pelas pessoas asmathicas, que até aqui não podiam frequentar essas casas sem aggravarem a difficuldade da respiração.

Mercê das medidas de segurança impostas a todas as casas de espectáculo, cujas portas se conservam agora abertas de par em par, a ventilação nos theatros tornou-se superior á do arco da rua de S. Bento em dia de nordeste agudo.

Nos bengalleiros já ninguem entrega capas, pardessus, cachenez, ou outra qualquer ordem de agasalho. Pelo contrario, os bengalleiros até pensam em substituir o tradicional aluguer de binoculos, que já pouco rende, pelo aluguer de mantas, cobrejões, cobertores de papa e outros artigos de abafó—com o que devem ganhar um dinheirão.



Este expediente das portas escancaradas suggere-nos uma consideração que nos parece de todo o peso.

Sem nos remontarmos ao velho theatro do Bairro Alto, nem ao outro, ainda mais antigo, chamado *Os pateos da comedia*, e que era ali pelas alturas do tambem antigo Moinho de Vento, temos nós que o theatro da rua dos Condes se inaugurou em fins do seculo passado, seguindo-se-lhe o das Variedades e depois todos os outros, o que quer dizer que ha seguramente um seculo funcionam regularmente os theatros em Portugal, sendo o terrivel incendio do Baquet o primeiro sinistro d'esse genero que fez pagar aos theatros a funerea siza de cem vidas.

Agora, com as providencias adoptadas, presume-se que a vida dos espectadores vac ficar eternamente garantida contra os riscos de incendio, mas succede que o não fica contra os riscos de pneumonia, antes aggravados pelas tacs correntes de ar que presentemente circulam em todos os theatros.

Ora só em Lisboa, os theatros são oito e vão abrir-se mais; não será de certo exagerado calcular-se que, de cada espectáculo, sahirá uma pessoa encatarrhoada pelos citados golpes de ar, catarrho elle que levará d'esta para melhor a tambem citada pessoa.

Logo, temos nós a diaria minima de oito pessoas que vão d'esta para melhor, levadas pelo golpe de ar, o que prefaz um morticinio annual de 2:920 pessoas, ou sejam ao cabo d'um seculo DUZENTAS E NOVENTA E DUAS MIL VICTIMAS dos espectaculos publicos!!!

Comparem esta cifra de 292:000 victimas, (só em Lisboa) com a cifra de 100 victimas em todo o paiz, durante o mesmo espaço de tempo, e digam-nos sinceramente se não é peor a emenda das providencias do que o soneto dos incendios...



As empresas theatraes acham-se possuidas de tal receio de incendio, que algumas d'ellas chegam a não reputar bastantes as medidas adoptadas pela auctoridade competente.

Temos, por exemplo, o theatro da Trindade e o theatro da Avenida; os quaes, para garantirem absolutamente a segurança individual dos espectadores, acabam de pôr em scena *O Homem da Bomba*.

Com *O Homem da Bomba* em scena é claro que o incendio se torna materialmente impossivel.

A não ser que o homem não tenha a bomba em estado de funcionar, condição esta que nos parece dever ser quotidiana e rigorosamente observada e exigida pela auctoridade que preside ao espectáculo.

Se o sr. marquez de Vallada ainda fosse governador civil substituto, apostamos em como assumia immediatamente a effectividade do serviço, no tocante á victoria da bomba do homem — queremos dizer do *Homem da Bomba*...



Por Tarantula

Das touradas

Sob este titulo publica o *Reporter*, um artigo de fundo do sr. Cyrillo Machado, um distincto diplomata que não duvidou descer dos seus colleirinhos altos para se interessar em assumptos taumachicos, o que nos traz a esperança de que, mais dia menos dia, o capinha Salau, ou outro ainda mais afamado, suba da sua jalleca de vidrilhos para discutir a paz da Europa n'algum congresso internacional.

O artigo do sr. Cyrillo tem alguns trechos d'uma originalidade tão original, deixem-n'os dizer assim — e se não nos deixarem é a mesma coisa — que tomamos a liberdade de lhes fazer uma segunda edição no nosso muito lido e acreditado jornal.



Diz o sr. Cyrillo:

«Mas confessemos que cada um de nós — até o mais requintado cortezão — traz dentro de si um animal a que precisa de vez em quando dar largas.»

Pela simples leitura d'este periodo ficámos sem saber a que especie de animal o sr. Cyrillo se referia. Consultámos as nossas reminiscencias e os nossos intestinos; mas nem estes nem aquellas nos deram noticia de tal sorte de animal.

De mais a mais um animal «a que é preciso de vez em quando dar largas...»

Se fosse um *vegetal*, lembrava-nos logo aquelle legume que constitue o melhor companheiro da cabeça de porco, sr. Cyrillo.

Mas, *animal*, palavra que não nos lembramos de nenhum que preencha aquella exigencia de lhe dar largas...



Proseguindo na leitura do artigo, lêmos o seguinte: «Esse animal é de mais a mais uma fera. Domestica-se com a educação.»

Principiámos a comprehender que o tal animal que cada um de nós traz dentro de si, não passa afinal de contas da solitaria do estylo.

Ora cebo de grillo, se foi para nos fallar da solitaria do estylo que bôto estylo o sr. Cyrillo!

Demais; s. ex.ª não tem direito algum de estar a aferir os intestinos de todos os seus compatriotas pelos seus proprios intestinos!

Se o sr. Cyrillo tem solitaria, que tome pevide de abobora! Mas nós não tomamos semelhante droga, porque não temos semelhante porcaria, percebe?

Se não acredita, damos-lhe licença para que venha verificar com os seus proprios olhos.



Escreve mais o sr. Cyrillo;

«Eu bem sei que o que principalmente impressiona os inimigos das touradas é o pensarem que o boi é um animalsinho tão util que tudo se lhe aproveita, desde o rabo para fazer sopa até aos chifres, como eu tenho, para pendurar o chapéu. (Refiro-me a um cabide que eu possuo.)»

Pois refira-se embora, mas olhe que é muito perigoso estar a brincar com armas de fogo...

Finalmente, porque o tempo foge-nos, escreve ainda o sr. Cyrillo:

«Em Portugal, eu desejaría que longe de se supprimirem as touradas ellas fosse consideradas como antigamente e se atirassem os bachareis á cabeça dos touros.»

N'este ponto estamos perfeitamente de accordo, mas com uma pequena modificação ou ampliação, e vem a ser: «que se atirasse com os bachareis á cabeça dos touros.»

Sempre era mais humanitario de que atiral-os para o logar de continuos de secretaria, como já tem acontecido a alguns d'aquelles infelizes.

E, ainda n'esta opinião, mais uma vez estamos de accordo com o sr. Cyrillo, o qual termina declarando não ser adverso aos caritativos sentimentos que inspiraram a sociedade protectora dos animaes.

Nós tambem não somos adversos: e a prova é que, lembrando-nos dos bachareis, nos lembra tambem o tal substancioso pensamento: *O homem é o rei dos seres inferiores, não deve ser o tyranno d'elles...*

Por Tarantula



Carteira d'um genro



I
— É hoje o primeiro dia
Que com minha sogra eu passo.
Que amor! que paz! que alegria!
Eu sou mel, ella melaço...



IV
— Quarto dia: eu bem pensava...
(E quem fôr genro palpite-o...)
Ella mandou-me hoje á fava
E eu mandei-a ao mesmo sitio...



II
— Segundo dia de genro,
Que minha sogra inda adoça:
Meigo olhar, sorriso tenro,
Mas a voz é que é mais grossa...



V
— Quinto dia: desde o almoço
Que a maldita me atanasa!
Que bello lastro p'ra o poço,
Se houvesse poço na casa...



III
— Terceiro dia: vai torta!
Suspeito — mas não n'ó digo —
Que minha sogra anda morta
Por armar questão commigo...



VI
— Sexto dia: Um contratempo
Estas memorias me logra...
Quem me dera ter mais tempo
P'ra descompor minha sogra!

Gustavo Bordallo Pinh.